

RAFAEL GUSTAVO FALCO KLINGELFUS

**TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO JUDÔ:
A SISTEMATIZAÇÃO DE UMA PRÁTICA ESPORTIVA**



Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

2005

RAFAEL GUSTAVO FALCO KLINGELFUS

**TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO JUDÔ:
A SISTEMATIZAÇÃO DE UMA PRÁTICA ESPORTIVA**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR : PROF. RICARDO SONODA

“... Eles deram à Dúvida a forma de uma foice, e colheram as flores da Fé para suas grinaldas.

Eles deram ao Êxtase a forma de uma lança, e atravessaram o velho dragão que estava sentado sobre a água estagnada.

Então as fontes frescas foram libertadas, para que a gente sedenta pudesse estar à vontade. ...” (Aleister Crowley)

AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização e divulgação deste trabalho.

A

Sheila Falco Klingelfus,
pelas diferentes contribuições.

Jorge Luiz de Carvalho Klingelfus,
pelo incentivo à diferença.

Marco Antônio de Moraes Sarmiento,
pela diferente orientação.

Agradeço ao professor e orientador Ricardo Sonoda, pelo acompanhamento, revisão do estudo e pelas críticas que propiciaram um maior aprofundamento nas questões polêmicas da pesquisa.

SUMÁRIO

CAPITULO 1 - INTRODUÇÃO	7
1.1 PROBLEMA	7
1.2 JUSTIFICATIVA	8
1.3 OBJETIVOS.....	9
1.4 METODOLOGIA	9
CAPITULO 2 - REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1 LUTA, SUA ORIGEM E EVOLUÇÃO.....	10
2.2 QUADRO HISTÓRICO DO JAPÃO NO MOMENTO DO SURGIMENTO DO JUDÔ	13
2.3 JIGORO KANO E SUA IDEALIZAÇÃO MARCIAL.....	17
2.4 A CRIAÇÃO DO JUDÔ	22
2.5 A CHEGADA DO JUDÔ NO BRASIL	25
2.5.1 A INSERÇÃO ATRAVÉS DE ANTÔNIO SATAKE E MITSUYO MAEDA.	26
2.5.2 A INSERÇÃO ATRAVÉS DA CORRENTE IMIGRATÓRIA.....	29
2.6 O JUDÔ NO ESTADO DO PARANÁ	30
CAPITULO 3 - CONCEITOS JUDOÍSTICOS	34
3.1 FORMAÇÃO FÍSICA	34
3.2 FORMAÇÃO MORAL.....	35
3.3 FORMAÇÃO INTELECTUAL	36
3.4 FORMAÇÃO ESPIRITUAL.....	37
CAPITULO 4 - CONSTRUÇÃO DIDÁTICA DO JUDÔ	38
4.1 CONDUTA JUDOÍSTICA	39

4.2	DESPORTO JUDOÍSTA	40
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	43

RESUMO

Este trabalho constrói, através de uma revisão literária, uma reflexão histórica do Judô, levando o profissional da Educação Física envolvido com a prática e didática desta arte, uma profunda análise sobre os aspectos didáticos e desportistas, propostos em sua sistematização. Preconiza-se a importância da consciência crítica e didática do educador e ressalta seus níveis de influência na formação do educando, tanto somáticos quanto psicológicos. Enfatiza aspectos sociais relacionados à sua formação, em que estão inseridos os educandos judoístas. Discorre sobre as mais relevantes discussões de pensadores da área, assim como seus posicionamentos críticos sobre o tema.

Palavras-chave: Judô; Educação Física; Esporte; Desenvolvimento humano.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Problema

Sendo o Judô, uma prática marcial de cunho filosófico (como seu próprio nome sugere: caminho ou filosofia da suavidade), valoriza além do desenvolvimento físico, o exercício das faculdades mentais, incentivando a superação e o auto-conhecimento. Stanlei Virgílio, reflete sobre este tema na seguinte frase, transcrita abaixo:

“Hoje, conhecido em todos os países do mundo, praticado por centenas de milhares de adeptos, desde crianças de pouca idade até adultos com idade bem avançada, irmana a todos num mesmo ideal de aprimoramento físico, técnico, moral, espiritual e intelectual.” (VIRGÍLIO, 1986, p. 43)

Contudo, o percurso histórico desta modalidade revela progressiva e constante competitividade, estimulada muitas vezes por fins lucrativos. Talvez um dos principais fatores de incentivo à este processo seja uma tendência mundial de padronização do movimento, segundo os padrões do pensamento ocidental capitalista.

A existência histórica do judô, mesmo sendo pequena quando comparada a outras artes marciais compreendeu um período de intensas modificações sociais e culturais. Seria utópico afirmar que este movimento marcial ficou livre de situações que inevitavelmente levaram a adaptações, sejam elas de motivo cultural, ou tecnológicos. Todavia, é importante ressaltar barreiras e limitações com as quais se deparou esta modalidade em seu percurso histórico, assim como identificar seus principais fatores de desenvolvimento.

O principal problema a ser abordado neste trabalho versa sobre a trajetória histórica da modalidade judoística e os aspectos de sua sistematização. Compreendendo com clareza sua história, desde sua criação até a prática desenvolvida na atualidade, torna-se possível refletir sobre sua prática pedagógica, qual o seu papel perante a sociedade (contribuições, limitações e deficiências) e quais as possibilidades educacionais geradas da troca educador/educando inserido em um contexto judoístico.

1.2 Justificativa

Nas últimas décadas do século XX, o crescimento numérico de judoístas pôde-se determinar notável. Muito deste aumento se deve ao fato de que as características físicas e psíquicas desta arte se moldam consideravelmente às necessidades infantis, aspecto este, responsável pela inserção desta atividade na grade curricular de diversas instituições de ensino, como fator diferencial no mecanismo de concorrência. Uma maior demanda de adeptos desta atividade nas faixas etárias iniciais, compreendidas como categorias de base de um esporte, ampliou a possibilidade de revelar talentos em momentos competitivos.

Neste caminho de contínuo aprendizado, o envolvimento encontrado tanto na prática do esporte quanto nas competições e a grande união naturalmente existente entre os educandos, acaba incitando a percepção dos valores morais, culturais e sociais em que se inserem. Evidente é o fato de que o judô é uma arte marcial inserida em um amplo contexto de respeito mútuo e perseverança, sendo extremamente enriquecida por seu posicionamento filosófico e social. Um dos principais objetivos do praticante torna-se conseguir, no decorrer de sua prática, identificar suas fraquezas, buscando na auto-análise, um meio de se aperfeiçoar.

É extremamente necessário que um educador do atual esporte judoísta possua uma total compreensão da arte. Entendimento este não deve estar limitado à

biomecânica, ou puramente vinculado à atividade física, objetivando assim, uma maior aptidão física do educando. Deve estabelecer-se em uma abordagem mais ampla e vinculada às particularidades de cada indivíduo, buscando, desta forma, um meio de aproximar a prática docente do ideal elevado e são para que os mecanismos didáticos foram elaborados. Para tal ação didática, o docente tem de buscar compreender todos estes aspectos relacionados à arte, evitando estar demasiadamente restrito aos aspectos da esportivização.

1.3 Objetivos

Descrever uma sistematização histórica da prática judoística, identificando momentos e personagens que influenciaram positiva ou negativamente sua trajetória evolutiva, assim como seu papel educacional.

1.4 Metodologia

Pesquisa acadêmica de cunho bibliográfico, visando estudar os aspectos históricos da modalidade judoística, identificando fatores de sua sistematização marcial.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Luta, sua Origem e Evolução

Não é possível afirmar a data precisa do surgimento das lutas no cotidiano humano. “Ninguém discorda de que a luta corporal nasceu com o homem e, a esse respeito, os documentos remontam aos tempos mitológicos”.(CALLEJA, 1973, p. 08). Durante toda a história em sociedade de nossa civilização, podemos também identificar a luta como fator de imposição de poder e de defesa de culturas e nações assumindo muitas vezes, caráter religioso e mitológico.

O foco principal de nossa pesquisa é a evolução das artes marciais orientais, mas especificamente as técnicas asiáticas, sua formação e desenvolvimento. Ao se exercer um estudo literário mais aprofundado sobre a história marcial oriental, identifica-se algumas linhagens de pensamentos distintas entre si, ao mesmo tempo em que contraditórias. Para um melhor encaminhamento desta pesquisa, será utilizada como referência a corrente mais aceita, que afirma que as técnicas chegaram à China através da Índia e do Tibete. Vejamos como Bruce Tegner aborda o assunto.

“Não se pode reconstituir a origem e história da maioria das artes orientais de luta sem armas. Elas começaram a existir à milhares de anos, na china, praticadas em segredo e, embora se tenham espalhado pelo Oriente, sob diferentes formas, ainda assim não foi conservado nenhum relato escrito de seu desenvolvimento. Apesar das divergências teóricas, parece haver um acordo generalizado em que os primeiros a usar técnicas de luta desarmada foram os monges chineses, para se protegerem dos bandidos. “ (Tegner, 1969, p. 15)

Como podemos observar através desta citação, os monges chineses aprenderam estas técnicas para exercitar o corpo e poder defender-se dos

bandidos, sendo que estas técnicas apenas podiam ser praticadas ou ensinadas no interior dos mosteiros, sendo proibida a sua referência escrita ou falada, para evitar que caísse em mãos inimigas. “Não se sabe quais foram os primeiros tipos de técnicas a serem descobertas, mas o certo é que cada região tinha uma especialização”.(TEGNER, 1969, p. 16).

A partir do desenvolvimento destas técnicas de defesa, foi da China que este conhecimento migrou para outras regiões asiáticas. “À medida que o conhecimento de luta desarmada ia sendo espalhado pelo Oriente, alcançando por último o Japão, as subdivisões se multiplicavam, bem como os nomes pelos quais as artes eram conhecidas”.(TEGNER, 1969, p. 16) Devido à falta de acentuada miscigenação cultural entre as civilizações asiáticas, a cada nova cultura à que estas técnicas chinesas de defesa migravam, uma nova abordagem e direcionamento eram sobre ela exercida, acabando por gerar uma importante e rica diversidade técnica e marcial no oriente. Para simplificar a compreensão disso, “podemos dizer que as formas antigas de luta são chamadas hoje de Jitsu – Wa-Jitsu, Tai-Jitsu, Go-Shin Jitsu, Ai Jitsu, e muitos outros nomes. Chamaríamos também de Jitsus o Yawara e os tipos antigos de Karatê.” (TEGNER, 1969, p. 16)

De maneira muito eficiente, “dentre as várias formas de defesa cultivadas naquela época (yawará, kempó, kumiuchi, Tai-Jitsu, koguseku), O jujutsu era o sistema mais praticado, apesar de os golpes serem um tanto primitivo”.(CALLEJA, 1973, p. 10)

No Japão, esta arte chinesa migrou, ainda que tardiamente, de maneira direta. Mas não se tem ao certo como isto se deu. São duas as lendas que fortalecem as vertentes mais difundidas. Vejamos primeiramente a lenda de Chin Gen Pin, transcrita abaixo:

“Uma dessas lendas conta que, por volta de 1630, um monge chinês – Chin Gen Pin – teria idealizado terríveis golpes denominados ‘tes’, com a finalidade de matar ou ferir um ou mais adversários, mesmo armados.

Cerca de vinte anos depois, quando já vivia no Japão, conheceu e fez amizade com três kachis (samurais inferiores). Chin Gen Pin ensinou-lhes todos os truques que sabia. Maravilhados com os

resultados que poderiam ser conseguidos, os kachis submeteram-se a um longo período de iniciação. Em seguida dedicou-se a aperfeiçoar a ‘terrível arte do monge chinês’.

Algum tempo depois os três japoneses resolveram separar-se e partiram pelo Japão afora, a fim de divulgar os seus fabulosos golpes. Conta-se que os kachis conseguiram transmitir os ‘tes’ a muitos e muitos discípulos. Estes por sua vez fundaram suas próprias academias e assim foi-se divulgando entre o povo japonês a arte trazida pelo monge chinês.” (CALLEJA, 1973, p. 14)

Esta é a lenda que se aproxima mais das vertentes ligadas à arte da guerra, onde o indivíduo deveria aprender as técnicas para proteger a si, à sua família e à sua nação. A outra vertente lendária remete à Akijama Shirobei Yoshitoki, descrita abaixo:

“Outra lenda nos diz que um médico japonês, Akijama Shirobei Yoshitoki, que havia residido na China durante alguns anos teria aprendido a arte de lutar sem armas com o mestre chinês Haku Tei. Quando Yoshitoki voltou ao Japão, constatou que para aplicar os golpes era necessário desprender um grande esforço. Isso o deixou bastante desanimado.

Certa tarde, durante uma forte tempestade, presenciou o espetáculo de uma cerejeira e de um salgueiro. Pode verificar que, enquanto os fortes galhos da cerejeira se quebravam com a forte tempestade, os finos e flexíveis galhos do salgueiro se curvavam a cada golpe de vento e conseguiam voltar sem dano às suas posições primitivas. Entusiasmado por essa observação começou a modificar os golpes, idealizando um sistema de luta corpo a corpo, baseado no princípio de ceder para vencer.

Yoshitoki, através de sua idealização, queria dar condições aos menos favorecidos pela natureza para que pudessem enfrentar e até vencer adversários mais fortes. Para isso fundou uma academia denominada Escola da Medula do Salgueiro (Yoshin Ryu). ” (CALLEJA, 1973, p. 15)

Esta é a corrente de pensamento mais aceita, pois seus princípios e objetivos podem ser facilmente encontrados no atual jiu-jitsu e em todas as artes derivadas de seu antigo parente (jiu-jitsu antigo).

2.2 Quadro Histórico do Japão no Momento do Surgimento do Judô

O Japão, talvez tenha sido um dos últimos locais do mundo a se desvencilhar do feudalismo (meados do século XIX), fator este que, ao avaliar sua importância social, podemos conceituar em dois aspectos distintos: o cultural e o marcial, sendo que em ambos, o já ultrapassado feudalismo japonês (segundos conceitos mundiais da época) era mais prejudicial que benéfico.

Quanto ao cultural, podemos perceber que esta nação, ao mesmo tempo em que manteve suas raízes ao evitar a miscigenação com outras culturas sofreu perdas geradas pelo isolamento nos campos industriais e sociais. O jornalista Arlindo Pinto de Souza aborda este tema na seguinte citação:

“...durante dois séculos o Japão ficou praticamente fora da história do mundo, vivendo seu feudalismo, enquanto as grandes potências que estavam à sua frente, alargavam seus horizontes e iam crescer sua força sob o impulso forte da Revolução Industrial”.(SOUZA, 1999, p.19).

Já no campo marcial, a importância da tardia queda do feudalismo japonês assume dois distintos campos de valores: quando nos referimos aos valores morais defendidos e ao crescimento e estudos marciais que, por estarem isolados em feudos, tornavam-se distintos entre si e quando nos referimos ao caráter social discriminatório e os objetivos de sua prática. No trecho abaixo se verifica o seguinte:

“Durante diversos séculos, até a época inicial do Menji (há setenta anos) no Japão reinou o feudalismo e em quatro classes foi dividido o povo: a classe dos samurais (antigos soldados do Japão), a dos agricultores, dos industriais e comerciantes. O poder e direitos sociais pertenciam aos samurais. Era esta a classe única à qual se permitia, então, conduzir sempre duas espadas (uma comprida e outra curta). O dever desta classe era estudar as artes de guerra e servir aos chefes feudais”.(TAKESHITA, 1967, p. 10)

A arte marcial denominada como jiu-jitsu, ou arte de lutar com as mãos livres, era a soma de diversos estilos e técnicas, sendo que muitas delas não perduraram após este período da história japonesa, ou foram agregadas a outras artes posteriormente desenvolvidas. “Conta-se que os golpes mais eficientes eram guardados como segredo de família e somente transmitidos particularmente a alguns poucos eleitos”. (CALLEJA, 1973, p. 11) Vejamos a sua inserção na história japonesa através do trecho abaixo:

“Podemos afirmar que o jujutsu, na era Tokugawa (1615-1867), esteve em seu melhor período, sendo os guerreiros samurais os seus mais diretos e perfeitos cultores. Para eles, a defesa pessoal era de importância vital, pois, para manter a lei e a ordem, precisavam estar suficientemente preparados. Os Samurais eram conhecidos e respeitados como exímios lutadores”.(CALLEJA, 1973, p. 10).

As artes marciais, inclusive o jiu-jitsu, em suas técnicas mais simples eram cultivadas e praticadas no interior dos feudos pela população em geral, como forma de defesa sem a utilização de armas, já que estas eram manuseadas apenas por samurais. Podemos perceber esta passagem histórica no trecho:

“Quanto às outras castas, não lhe sendo permitidas o uso de armas, precisavam, entretanto defender-se contra a violência dos samurais, que muitas vezes abusavam de seus direitos. Foi, então, que o jiu-jitsu veio servi-lhes de arma de defesa e foi praticado com grande entusiasmo. Os samurais, embora preferissem a esgrima, não desprezavam de todo a luta corporal ou jiu-jitsu.”(TAKESHITA, 1967, pág. 11)

Com a queda do feudalismo, o Japão passou a estar muito mais à influências de outras nações. Sua estrutura interna, agora regida por um imperador de real poder, sofreu profundas alterações em busca da evolução social. No trecho abaixo, retratam-se as principais reestruturações e transformações sociais realizadas neste período, tão importantes para esta nação:

“País medieval de feudalidade exagerada e romântica, já em 1866 o poder estava nas mãos do jovem Imperador Menji, o Judô serviu para fortalecer ânimo de uma nova era do povo japonês. O novo governo procurou corrigir os costumes feudais, adotando a cultura ocidental. O legislativo, o judiciário e o executivo foram estabelecidos, os feudos abolidos, instalando-se as províncias. As discriminações de classes sociais também foram abolidas, escolas surgiram em todos os pontos do país, o curso primário tornou-se obrigatório e o serviço militar tornou-se dever de todo cidadão e não privilégio de uma só classe social. Na época dos samurais as mulheres casadas pintavam seus dentes, este costume foi proibido. Passou a ser permitido que qualquer pessoa pudesse andar a cavalo (até então permitidos apenas para certas classes). Todo cidadão japonês recebeu o direito de adotar um sobrenome (apenas os nobres e os samurais tinham esse direito). O uso da espada foi proibido e foi liberado o casamento entre classes sociais, inclusive com estrangeiros. Os servos foram libertados e o calendário europeu foi adotado, baseado na era cristã, embora continuassem também com o seu próprio calendário, mantendo a contagem dos anos através do advento ao trono do imperador.” (SOUZA, 1999, p. 19)

De forma acelerada, o Japão buscava atender as novas e reais necessidades de sua população, buscando se necessários exemplos internacionais, inclusive os ocidentais. “Nessa dinâmica época de transformações e inovações radicais, os nipônicos ficaram ávidos por modernizar-se e adquirir a cultura ocidental. Tudo aquilo que era tradicional ficou um pouco esquecido, ou melhor, quase totalmente relegado”.(CALLEJA, 1973, p. 16) O “Imperador Mutsuhito dedicou a máxima atenção para os problemas da educação, novos processos de ensino, novas técnicas ocidentais foram adotadas”.(SOUZA, 1999, p. 19).

Neste clima de intensas mudanças culturais, os intelectuais e a elite desinteressaram-se das conservações das tradições, estavam apaixonados pela cultura do ocidente. O ensino do Jiu-Jitsu tornou-se acidental e mercenário. “As forças armadas atualizaram-se à moda ocidental; o jujutsu então foi colocado de lado, como uma relíquia do passado” (CALLEJA, 1973, p. 16). Foi necessário, o que ocorreu tempos depois, “uma onda contrária a inovações radicais. Havia terminado a chamada ‘febre ocidental’. O jujutsu foi colocado na antiga posição; seu valor foi reconhecido, principalmente pela polícia e pela marinha” (CALLEJA, 1973, p. 17), simultaneamente à queda do prestígio e necessidade da classe Samurai, somada à

evolução social e cultural em que o país se encontrava auxiliaram este processo. Vejamos o comentário abaixo citado:

“Assim correram os séculos até que a divisão de classes foi abolida e o uso constante da espada foi proibido aos samurais, ficando somente limitado ao Exército, Marinha e Polícia. Após esta grande modificação social, o jiu-jitsu tornou-se mais útil que a esgrima. Surgiram inúmeras escolas com o fim de popularizá-lo entre o povo japonês.” (TAKESHITA, 1967, p. 11)

Uma das grandes alterações e responsável pela segunda fase decadente do jiu-jitsu foi à área esportiva. É natural que a ginástica e os esportes estrangeiros fossem prontamente recomendados e tivessem rápida aceitação. Até então só os samurais praticavam exercícios físicos planejados. Naturalmente os esportes indígenas foram caindo no esquecimento. Podemos considerar que o declínio do Jiu-Jitsu antigo deve-se à vulgarização que tomou conta desta arte (mesmo quando um samurai aplicava uma técnica de Tai-Jitsu, o povo criticava como se fosse uma técnica de Jiu-Jitsu). A carência de caráter didático e esportivo também foi fator determinante, como vemos na citação a seguir:

“Apesar de sua eficácia para a defesa pessoal, o jujutsu não poderia ser considerado um desporto, muito menos praticado como tal. Não havia regras padronizadas nem mesmo tratadas pedagogicamente. Naquele tempo o que valia e importava era conseguir que o adversário abandonasse a luta o mais rapidamente possível, sem condições de reagir.

É natural que a mentalidade do povo menos ignorante exigisse que o jujutsu fosse aprimorado. Ao invés de simplesmente servir para a defesa pessoal, por que não torná-lo um veículo de Educação Física e moral?

A prática do Jujutsu poderia ser considerada antipedagógica. As crianças praticavam indiscriminadamente qualquer qualidade de golpe, desde as chaves de asfixia às luxações. A finalidade das academias, além de auferir lucros era formar lutadores e insuportáveis valentões.

Os professores ensinavam às crianças os chamados golpes mortais e os traumatizantes e perigosos golpes baixos. Sendo assim, quase sempre os alunos machucavam-se seriamente. Os alunos maiores, valendo-se das suas superioridades físicas, chegavam a espancar os menores e os mais fracos. Enfim, para aprender o Jujutsu tinha-se

que apanhar um bocado. Tudo isso fazia com que o jujutsu gozasse de certa impopularidade, logicamente entre as pessoas mais esclarecidas e que possuíam um mínimo de bom senso.” (CALLEJA, 1973, p. 17)

É baseado nestas debilidades didáticas e sociais que Jigoro Kano defina suas metas e objetivos na sistematização de uma nova série de movimentos, uma nova arte marcial em um novo momento da história mundial.

2.3 Jigoro Kano e sua Idealização Marcial

“No dia 28 de outubro de 1860 nasceu Jigoro Kano, na província de Mikage” (VIRGÍLIO, 1986, p. 32), Japão. “Com dez anos perde a mãe, cuja influência da educadora vai acompanhá-lo por toda sua vida”.(RIBAS, 1991, p. 09) “De formação filosófica, o criador do judô era um homem de baixa estatura – 1,55 m, de compleição franzina e que constantemente apanhava na escola de outras crianças e jovens. Além de ter dificuldades em se relacionar com os outros em razão de seu debilitado corpo”.(DELIBERADOR, 1996, p. 19) “Algum tempo depois ingressa numa escola dirigida por estrangeiros, como interno”.(RIBAS, 1991, p.09).

Quanto à sua formação superior existem divergências. Stanlei Virgílio faz a seguinte afirmação: “formou-se em 1882 em Ciências Estéticas e Morais pela Universidade Imperial de Tóquio. Somente em agosto desse mesmo ano de 1882 foi nomeado professor do Colégio dos Nobres”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 33). Esta informação não se mostra coerente com o seguinte fato relatado por Elias Vieira Ribas: “Aos dezoito anos ingressa na Faculdade de Letras da Universidade Imperial. Estuda filosofia, política e economia” (RIBAS, 1991, p. 09). Aos estudiosos, parece-me este mais um ponto de interrogação na história desta arte.

“Para superar seus inúmeros problemas, Jigoro Kano procurou o Jiu-jitsu (capacidade de ceder para vencer)” (DELIBERADOR, 1996, p. 19). Vejamos os comentários abaixo transcritos, que nos revela mais detalhes deste momento de Jigoro Kano.

“À medida que desenvolveu o intelecto procurou fortalecer o físico, passando a freqüentar uma escola de Jiu-jitsu, modalidade em evidência na época. O jovem Jigoro Kano teve a felicidade de encontrar-se no estilo Tenjin-shin-yô, recebendo instruções diretamente do Mestre Fukuda Hatinôssuke. Motivado, dedica-se intensamente aos seus treinamentos, tem total respeito pelo Mestre, que vem a falecer após dois anos de treinamento. Apesar do infortúnio, Jigoro Kano, dotado naturalmente de grande perseverança, prossegue em sua busca.

Os anos que treinou com o Mestre Fukuda Hatinôssuke lhe marcaram profundamente, servindo para fortalecer ainda mais o caráter. Deu continuidade aos treinamentos com o Mestre Issa Massatomo. Este último, sentindo o grande potencial do jovem discípulo passa a treiná-lo com redobrada energia. Muitas vezes os treinos passam das vinte e três horas.” (RIBAS, 1991, p. 09).

Com o passar do tempo, simultaneamente com a evolução marcial do jovem Jigoro Kano, as técnicas ofensivas ao bem estar físico e moral do praticante não se mostraram prazerosas à sua revolucionária mente. Vejamos a seguinte citação:

“Na medida em que foi percebendo que o jiu-jitsu era uma luta marcial com a finalidade de lesionar o oponente e provocar muitas contusões, começou a pensar e passou a questionar: como uma atividade física organizada para trazer benefícios ao ser humano, pode provocar um alto nível de lesões, podendo levar até a morte? “ (DELIBERADOR, 1996, p. 19)

A partir deste momento, “o Doutor Jigoro Kano, professor universitário japonês (posteriormente membro da Casa dos pares e presidente universitário), começou um estudo sistemático das muitas formas de Jitsu praticadas no Japão.” (TEGNER, 1969, p. 16) “Dia a dia aperfeiçoa-os , começando a sentir o que até então não havia sido percebido: somente a delicadeza vencerá a brutalidade.” (RIBAS, 1991, p. 09). Bruce Tegner complementa:

“O Dr. Kano descobriu que grupos de praticantes só conheciam e praticavam uma forma de luta desarmada, não tendo conhecimento de outros sistemas de lutas e nem ao menos o apreciando. Esses grupos defendiam seu estilo próprio de luta, mais por ignorar outras técnicas, do que pela convicção da eficácia de seu sistema.”. (TEGNER, 1969, p. 16).

Os princípios das artes marciais vigentes, ainda com muitas influências feudais, não lhe pareciam satisfatórias nem em aspecto físico, nem em aspecto didático e moral. “Notava ele então, o empirismo das escolas e dos métodos da época. Estas estavam muito mais preocupadas com segredos e em ignorar os valores das outras, que propriamente progredir na busca da perfeição étnica e moral”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 39).

Averiguava com suas experiências que não ocorria, aos instrutores daquelas modalidades de Jitsu, a possibilidade da eliminação das técnicas nocivas e/ou ultrapassadas, assim como não demonstravam “nenhum interesse tinham em aperfeiçoar seus métodos de ensino. Longe de procurar tornar popular o estudo de tais lutas, os professores consideravam-se um grupo de elite, cultuando a luta como algo misterioso e tornando seu aprendizado difícil”.(TEGNER, 1969, p. 16) “A rivalidade nunca foi tão grande entre as escolas como nesta época, procurando umas destruírem as outras a qualquer custo, servindo os meios mais ilícitos, importando apenas a própria vivência.” (VIRGÍLIO, 1986, p. 39)

“O Dr. Jigoro Kano levou muitos anos estudando, avaliando, comparando e praticando as antigas artes de luta.” (TEGNER, 1969, p. 17) Acreditava Kano na possibilidade de uma união didática, científica e marcial em uma única arte e era esta a sua ambição na idealização de uma nova prática. Abordamos a insatisfação do sensei Kano no seguinte trecho:

“O professor Jigoro Kano, que em sua mocidade havia aprendido o Jui-jitsu e outros processos similares de atacar e defender, com os professores do período feudal, que se mantinham em atividades, resolveu transformar, com energia, perseverança e inteligência, a arte dos Samurais em um perfeito método de Educação Física e moral para o povo japonês. De espírito crítico e sólida formação pedagógica, Jigoro Kano notou que a matéria até então ensinada sem nenhuma orientação didática, segundo o ponto de vista particular de seus professores, sem obedecer a princípios cientificamente estabelecidos, até então a habilidade e o empirismo eram as características dominantes.” (SOUZA, 1999, p. 19)

A busca pelo conhecimento técnico e científico e a dedicação na busca da construção de um novo sistema marcial que se enquadrasse em suas ambições foram traços marcantes deste personagem histórico. Vejamos a seguinte citação:

“Estudara todos os métodos existentes, mas não se contentou com o antigo sistema. Estudou, analisou e inventou, selecionando os melhores pontos de cada um, adicionando novos métodos científicos, organizou assim um novo sistema ao qual deu o nome de judô”.(TAKESHITA, 1967, p. 11).

Elaborava Kano, um novo sistema marcial, pretendendo unificar princípios científicos, desportistas, filosóficos e formativos. Vejamos esta citação para que possamos compreender mais sobre o sentido desta arte denominar-se Judô.

“Literalmente, judô significa ‘o modo suave’. Talvez se tornasse de mais fácil compreensão interpretá-lo como ‘o meio mais fácil’, baseada na definição do próprio Dr. Kano, de que o meio mais eficiente de se fazer qualquer coisa é o modo suave. Com isso, sugeria que o uso do intelecto, e não meramente o uso dos músculos, seria uma ‘suavização’ da maneira de enfrentar o mundo e seus problemas práticos. Para o Dr. Kano, esta era a idéia básica do ‘Caminho da Vida’ .” (TEGNER, 1969, p. 17)

Podemos, neste momento, perceber claramente uma grande intencionalidade didática e uma preocupação com a sanidade física e mental. Esta intencionalidade também é retratada da seguinte forma:

“... Quis ele que o comportamento, ao invés de ríspido, autoritário e truculento, fosse mais cordial e aberto, além de ser dada uma bem maior segurança contra acidentes. Para que isto acontecesse era preciso uma mudança radical, de base. Era preciso que se realce esses valores novos para que suplantassem os valores antigos, tudo isto sem perder a virilidade, a beleza dos combates, as técnicas e tudo de bom que havia”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 31)

“Observou que o velho Jiu-jitsu, agonizante, deveria ser aperfeiçoado. Tornara-se antiquado, ao identificar o avanço da cultura pela ausência do primado da moral, do amor fraterno e da educação do físico”.(RIBAS, 1991, p.10) Podemos identificar esta insatisfação de Jigoro Kano no seguinte trecho:

“... a decadência do Jiu-Jitsu era notória, a ética e a moral não existiam e isso preocupou Jigoro Kano que colocou esta mesma ética e retidão moral como metas a serem alcançadas. Também as técnicas não lhe satisfaziam, principalmente pela pobreza e inexistência de princípios pedagógicos e científicos e ainda mais, os perigos que estas técnicas representavam, causando acidentes mais ou menos graves que impossibilitavam uma participação maior, ampla e generalizada com que sonhava”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 39)

“Na época de sua formatura pela Universidade Imperial compreende que a educação é a razão de sua vida”.(RIBAS, 1991, p. 10) Seus valores pessoais e o ideal judoísta contido em si tornavam-se inquietos em sua consciência, clamando pela exteriorização. Necessitava pensar em uma forma de luta como prazer. Vejamos a citação a seguir:

“Aproveitando os valores positivos do Jiu-jitsu, foi possível criar uma nova forma de vida, introduzindo valores de qualidade, como respeito e a preservação do oponente, o desenvolvimento total do participante, enfim, foi possível a introdução do prazer no desenvolvimento de uma luta”.(DELIBERADOR, 1996, p. 19).

Acredita que povos devem trilhar os caminhos da paz e que sem ele não há condições para o verdadeiro esclarecimento, para a real vida à qual os homens foram criados. “E foi assim que o Judô passou não apenas a se preocupar com o físico, mas com os componentes de ordem filosófica, cultural e pedagógica e também política, pois ele procurou reunir pessoas interessadas no desenvolvimento humano”.(DELIBERADOR, 1996, p. 19)

2.4 A Criação Do Judô

“O jovem Jigoro Kano sente que através daquele caminho o corpo e o espírito são fortalecidos. Ao aprofundar-se na técnica, descobre a importância da base espiritual e científica para a harmonização do todo”.(RIBAS, 1991, p. 10) Vejamos a citação abaixo transcrita, que revela um pouco deste processo criador dos principais movimentos judoístas:

“Analisou cientificamente as técnicas mais em evidência na época, separando o que de bom havia, inventando quando necessário e surgindo então um novo método pela fusão das técnicas do antigo Jiu-Jitsu e dos princípios pedagógicos, morais e científicos e, ainda, sem perigo de maior acidentes”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 39)

“Traçou programas de treinamento para jovens e adultos. Idealizou regras para um confronto esportivo”.(CALLEJA, 1973, p. 18) “Procura eliminar o que é contrário à evolução, dando ênfase ao que realmente importa”.(RIBAS, 1991, p. 10) “Procurou demonstrar que o ju-jitsu aprimorado, além de sua utilidade para a defesa pessoal, poderia oferecer aos praticantes extraordinárias oportunidades de superarem as próprias limitações”.(CALLEJA, 1973, p. 18)

Após muito estudo e pesquisa científica, elabora, definitivamente ‘A Codificação dos Golpes’. Vejamos a seguinte citação, esclarecendo como se concretizou este ideal:

“Em fevereiro de 1882 Jigoro Kano, decide iniciar a montagem de sua escola, o Kodokan, em fevereiro de 1882 e para isso convidou alguns alunos do Colégio Gakushuin e da sua escola de inglês, o Kobunkan, vários dos quais alojou no templo de Eishosi e os mantinha às suas expensas.” (VIRGÍLIO, 1986, p. 40)

Nasce então o Judô de Kodokan. “O Instituto Kodokan fica na capital japonesa, no bairro de Shitaiá no templo Budista de Eishôji”.(RIBAS, 1991, p. 10) “Esse foi um período de duras provações para Kano, pois mesmo lecionando no Colégio Gakushin e, também mantendo sua escola de inglês, o Kobunkan, para

cobrir as despesas com seus alunos em Eishosi, passava longas horas à noite fazendo traduções.” (VIRGÍLIO, 1986, p. 39)

Sensei Kano lançou-se à tarefa de encontrar por si mesmo a verdade. ”Todas as formas de luta e suas escolas eram vistas como uma espécie de reduto de marginais, portanto, não eram bem vistas pela sociedade e Kano tinha que também se sobrepôr a esta discriminação.” (VIRGÍLIO, 1986, p. 39) Após sérios estudos e investigações, formulou o princípio básico de seu método, o qual determinou “Princípio da Eficácia Máxima”, por ele assim expresso: “Qualquer que seja o objetivo, melhor será atingido pelo mais alto e mais eficiente uso da energia física e espiritual, dirigida para realização de certo e definido fim e propósito”.

Do estilo Tenjin-Shin-Yô, tomou e aperfeiçoou as lutas de solo e do estilo Kitô, as técnicas de projeção, eliminou os pontos fracos, acrescentou novas técnicas, adaptado-as à sociedade moderna, com isso surgiram os exercícios livres, randori e os Kata. As diversas técnicas foram sistematizadas e examinadas cientificamente, por exemplo: as técnicas de projeção são baseadas nas leis da física, em particular a dinâmica, consegue-se vencer um adversário mais forte aproveitando-se do seu desequilíbrio momentâneo, ou então usando a própria força do adversário.

Inicialmente os ensinamentos são transmitidos a quatro discípulos, que ficaram conhecidos como as “quatro grandes colunas”.

“O primeiro aluno foi Tomita, que jovem ainda, já prestava alguns pequenos serviços para o mestre. O Tsunêjiro-Tômita”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 40) “Em sua biografia, o traço marcante é a vida com espírito fraterno, amizade e lealdade. Personalidade alegre, não deixou de sofrer junto com o Mestre inúmeras provações para a evolução da arte.” (RIBAS, 1991, p. 11). Vejamos a citação seguinte, que procura relatar alguns aspectos do envolvimento de Tsunêjiro Tômita com a nova modalidade:

“Era ainda Tomita que estava sempre à mão para Kano testar e aperfeiçoar as técnicas que desenvolvia e assim, nada mais natural que se tornasse o primeiro aluno a ser admitido oficialmente, além de

vir a se tornar uma das quatro colunas de sustentação do Kodokan.” (VIRGÍLIO, 1986, p. 40).

“Shirô Saigô, com aproximadamente 1,55m de altura, pesando 57 quilos, tornou-se uma lenda”.(RIBAS, 1991, p. 11) “Foi o terceiro ser admitido tornando-se o grande campeão do Kodokan e um dos maiores, senão o maior judoka de todos os tempos, à mercê de sua técnica inigualável e uma retidão moral à toda prova.” (VIRGÍLIO, 1986, p. 40). Vejamos a seguinte citação, revelando alguns traços marcantes deste importante personagem:

“Atinge uma técnica apuradíssima e possui grandes conhecimentos em daïto-ryu aiki jujitsu (estilo de jujitsu que tornou-se referencial na sistematização de artes como o Judô, Aikidô e Jiu-jitsu.). Torna-se céebre utilizando-se da técnica refinada para aplicar o yama-arashi (tempestade da montanha).” (RIBAS, 1991, p. 11)

“Shiro Saigo teve um estranho fim, pois simplesmente, num determinado dia sumiu e nunca mais foi visto nas lides judoísticas. Faleceu de ostracismo.” (VIRGÍLIO, 1986, p. 41) Vejamos agora a citação sobre os dois outros alunos, as duas outras colunas de sustentação da Kodokan:

“Yoshiake-Yamáshita se tornou inesquecível pelo treinamento que costumava ter diariamente. Tal prática lhe proporcionou profundos conhecimentos dos “kata”, os clássicos exercícios pré-combinados sem os quais é impossível perceber o objetivo da arte.

Sakujirô-Yokoyama representou a verdadeira essência do Judô de Kodokan. Sua compleição física exuberante contratava com a leveza de sua técnica. Nele a massa se tornava instrumento da suavidade.” (RIBAS, 1991, p. 11)

Assim nasceu o Instituto Kodokan, a concretização do sonho marcial idealizado por sensei Kano. Vejamos a citação a seguir:

“Instituto Kodokan nasceu e se perpetuou sob os signos da harmonia, virtude, educação, coragem e humildade. O reflexo das

personalidades de seus primeiros integrantes permanece vivo, tema constante da literatura e do cinema. A filosofia e a psicologia lhe incorporaram os hábitos”.(RIBAS, 1991, p. 11).

O Judô é o Jiu-jitsu antigo aplicado à vida moderna, cuidando do físico e do caráter do praticante, não esquecendo a parte técnica nem a moral, procurando torná-lo útil à sociedade.

2.5 A CHEGADA DO JUDÔ NO BRASIL

A inserção judoística no Brasil é um assunto bastante obscuro na história de nossa nação. “Trabalhos elaborados sobre a Historia do Judô dentro do Brasil são muito raros, sendo poucas publicações específicas”.(DRIGO, 2004) Ao invés de um consenso, existe uma grande contradição. São várias as vertentes históricas que procuram comprovar esta origem. Para um mais específico estudo deste tema, vamos abordar as seguintes hipóteses, que são as mais aceitas e radicalmente defendidas pelos seus adeptos:

A inserção através de Antônio Satake e Mitsuyo Maeda - corrente mais tradicionalista e a mais difundida no meio judoístico, principalmente nos escolares. Esta teoria ganha tanto teor de veracidade devido ao fato de Mitsuyo Maeda (também conhecido como Conde Koma ou Eisei Maeda), “ter a seu crédito o primeiro registro nos anais da história do Judô brasileiro”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 56.) Vejamos a citação a seguir:

“Com bases nos fatos e datas, podemos concluir que de Satake e Maeda seriam os primeiros registros válidos dos anais do judô brasileiro, já que Takezo Mamizuka e outros mais, sem registros, com suas participações apagadas pelos anos e sem apresentar resultados mais palpáveis, praticamente nada deixaram de concreto na implantação e evolução de nossa arte”.(VIRGÍLIO, 2002, pág. 20)

A inserção através da corrente imigratória – corrente que afirma que esta inserção se deu através da corrente migratória japonesa, como forma de manter a cultura natal. Vejamos a citação transcrita abaixo:

“Vários autores também concordam com o surgimento da prática do judô devido à imigração japonesa desde o ano de 1908 (Soares, 1977; Virgílio, 1986; Calleja, 1979; Hunger et al., 1995), pelo caminho já mencionado pelo professor Massao Shinorrara (ver item 2.2.1.), mantendo segundo estes autores uma difícil chance de divulgação ao público em geral pela prática ser mantida apenas em suas colônias. Por esses fatores, apenas aparecem as citações sobre a presença deste fato, porém com pequenas referências e conhecimento de como eram essa prática e seus principais personagens. Contribuindo para as contradições existentes, há um relato em Virgílio (1996), que se refere a um professor Miúra, que haveria ensinado o Judô em 1903”.(DRIGO, 2004)

2.5.1 A inserção através de Antônio Satake e Mitsuyo Maeda

Em 1904, Mitsuyo Maeda ao lado de Satake, saiu do Japão. Vejamos a citação a seguir:

“Por muito tempo foram Satake e Maeda companheiros inseparáveis e uma sólida amizade os unia, e nessa condição, antes de virem para o Brasil, permaneceram quatro anos nos Estados Unidos da América, depois em Cuba, México, Europa, América Central e finalmente a América do Sul, passando pela Colômbia, Equador, Peru, Chile, Argentina e Uruguai”.(VIRGÍLIO, 2002, pág. 17) No Brasil, em Porto Alegre em 14 de novembro de 1914, agora já na companhia de Okura, Laku e Shimitsu.” (VIRGÍLIO, 2002, pág. 18)

Ao lado da troupe que a eles se juntou nos países sul-americanos, “percorreu Maeda várias capitais brasileiras, aceitando desafios e ganhando todos, promovendo assim esse esporte”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 56) As passagens pelas cidades brasileiras foram marcadas apenas por rápidas apresentações. “Chegam afinal a Manaus no dia 18 de dezembro de 1915”.(VIRGÍLIO, 2002, p. 18). Por sua elegância e seblante sempre triste, Mitsuyo Maeda ganhou o apelido de Conde Koma durante o período em que ficou no México.

Já Kwanich Takeshita aborda estas passagens e apresentações de Maeda pelo Brasil de maneira diferenciada quanto a datas e estadas, como podemos perceber no trecho abaixo transcrito:

“Depois da 1º Grande Guerra (seria 1921 ou 1922) Eisei Maeda, alto titular do Kodokwan, após Ter viajado o mundo inteiro para demonstração do judô, veio ao nosso país, e fez algumas demonstrações ao público do Rio e São Paulo, mas isso não chegou a despertar grande interesse no currículo desportista. Foi ao Estado do Pará e lá permaneceu como professor de judô”.(TAKESHITA, 1986, p. 13)

Esta incoerência de datas e localidades é um aspecto bastante comum nas pesquisas desenvolvidas sobre este tema, mas a diferença quanto a localidades torna –se importante para este estudo. Podemos também perceber no trecho acima citado, um grande perigo das publicações nacionais sobre o tema quanto ao trecho: “Foi ao Estado do Pará e lá permaneceu como professor de judô” (TAKESHITA, 1967, p. 13). Esta simplificação, que na verdade se refere à segunda estada de Maeda no município de Belém, resume anos de história e não revela que a intencionalidade real de Maeda, na primeira estada, foi através de desafios marciais. Maeda também “dedicou-se principalmente ao fomento imigração japonesa, cujos resultados infelizmente não corresponderam aos seus anseios que era dar aos seus conterrâneos condições melhores de vida e ver, florescer na Amazônia, a civilização japonesa.” (VIRGÍLIO, 2002, p. 196) Acabou “montando sua academia em 1922” (VIRGÍLIO, 2002, p. 18)

Logo “é desfeita a dupla seguindo Maeda, Okura e Shimitsu para a Europa no dia 08 de janeiro de 1916, e ficando Satake e Laku na capital amazonense, onde desenvolveu Satake um trabalho todo ele voltado para o Judô”.(VIRGÍLIO, 2002, p. 18).

E os mestres orientais continuavam vencendo os combates a que eram desafiados. Até que em novembro de 1916, o lutador italiano Alfredi Leonti, empresariado por Gastão Gracie, então sócio no Américan Circus com os Irmãos Queirollo, chegou à Manaus para mais um desafio. Satake, adoentado, cedeu seu

lugar para Laku, sendo este derrotado por Leconti. Satake, em recuperação, seria o próximo adversário do Italiano, mas devido a brigas geradas por ocasião do combate entre Laku e o desafiante, o delegado Bráulio Pinto resolve proibir outras lutas na capital amazonense.

Vejamos a seguinte citação abaixo descrita, que retrata o retorno de Maeda ao Brasil e sua derrota. Até então, o que se sabia era que ele nunca havia sido derrotado:

“De volta ao Brasil em 1917, Mitsuyo Maeda ingressa no American Circus que estava estacionado em Belém, onde conhece Gastão Gracie, surgindo daí um desafio para uma luta contra Satake. Esta luta foi realizada em 1919, em Manaus, com uma contundente derrota de Maeda”.(VIRGÍLIO, 2002, p. 18)

Então ele volta a Belém e em 1920, já com a crise da borracha, é desfeito o American Circus. Vejamos esta citação que revela como Maeda continuou sua trajetória marcial:

“Mesmo afastados das disputas, Maeda ainda efetuava algumas demonstrações e ensinava sua arte na cidade e nas proximidades. Teria sido em 1922 aproximadamente, quando montou a sua academia de judô num barracão de madeira medindo 4X4, na sede do clube Remo, ainda na Cidade Velha e cujo tatame era de serragem e coberto por lona”.(VIRGÍLIO, 2002, p. 201).

No mesmo ano, seu ex-companheiro Satake embarca para a Europa e nunca mais se tem notícias do grande mestre. Conde Koma continuou em Belém, falecendo em julho de 1941. Carlos e Hélio Gracie, filhos de Gastão, seguiram atuando no jiu-jitsu, modalidade que aprenderam com Koma no circo do pai. Isso, depois que a arte marcial já estava definitivamente implantada em Manaus pelos membros da trupe de Koma, principalmente Sanshiro “Barriga Preta” e Satake.

2.5.2 A inserção através da corrente imigratória

É fácil identificamos uma inserção nacional judoística por meio da imigração. A lógica da evolução da arte, assim como sua inserção e prática em território brasileiro através desta hipótese se mostra presente na maioria das afirmações. Vejamos a seguinte citação:

“Mesmo não se conhecendo registros que antecedam Antônio Soishiro Satake e o seu companheiro Otávio Mitsuyo Maeda nos anais da implantação do judô no Brasil, (...), podemos constatar que há sinais vagos de outras personalidades que aqui aportaram, trazendo consigo esta arte”.(VIRGÍLIO, 2002, p. 17)

Esta vertente afirma que o judô chegou “ao Brasil por volta de 1934, quando os primeiros japoneses introduziram-se no Brasil e no Estado do Paraná”. (DELIBERADOR, 1996, p. 13). É possível ao longo da história judoísta nacional, identificar personagens que afirmam tal fato. Vejamos a seguinte citação:

“...podemos citar personalidades como o prof. Miura que por volta de 1903 teria ensinado em entidades militares do Rio de Janeiro, e também , Takezo Mamizuka e Takagi Saigo com as suas academias em São Paulo em 1911 e 1924 respectivamente. (VIRGÍLIO, 2002, p. 17)

A hipótese da inserção da prática judoísta através da corrente imigratória afirma que Kasato Maru foi o primeiro homem com conhecimento judoístico, dotado de interesse e iniciativa de transmiti-lo ao imigrar para o Brasil. Vejamos a citação a seguir:

“Essa duplicidade de datas talvez possa ser explicada pela forma com que foi introduzido em nosso país o Judô, pois de um lado há uma corrente formada pelos pioneiros de Kasato Maru e subsequentes, que dedicando-se a outros misteres, principalmente à

agricultura, faziam do judô um derivativo, uma atividade social, uma forma de manter os laços e apagar a saudade da pátria longínqua. Poderia dizer que praticavam um Judô localizado, restrito à pequenos grupos e sem finalidades lucrativas. O primeiro registro com referência à este grupo iria à Tatsuo Okoshi, que chegou ao Brasil em 1924, seguindo-se Katsutoshi Naito, Sobei Tani, Ryuzo Ogawa e outros mais.” (VIRGÍLIO, 1986, p. 55)

“Outros aqui estiveram, mas apenas com o intuito de mostrar suas técnicas como lutadores, apresentando-se em espetáculos cujo fim precípua era o lucro financeiro e, conseqüentemente, um reduzido tempo de permanência”.(VIRGÍLIO, 2002, p. 17)

Portanto, esta teoria é bastante aceita devido a casos de localidades em que os imigrantes que já residiam no Brasil, principalmente no campo, saudosos de sua terra natal procuravam, dentro de suas colônias, procuravam perpetuar costumes que pudesse manter viva em seus grupos, a cultura de sua nação de origem. Entre estes costumes estaria o Judô.

2.6 O JUDÔ NO ESTADO DO PARANÁ

A introdução da modalidade judoística no Estado do Paraná estruturou-se a partir da somatória do árduo esforço didático exercido por vários professores, importantes educadores, que em suas respectivas regiões eclodiram, com forças unificadas, na inserção e perpetuação do Judô no território estadual. Contudo, é quase que unanime o reconhecimento acentuado de um homem em especial. Foi o esforço e talento marcante de Sadai Ishihara que acatou o reconhecimento e respeito de todos estes professores e tornou-o a figura representante do início do Judô Paranaense, como vemos no trecho transcrito abaixo:

“Entretanto, entre todos os professores e beneméritos do judô paranaense, permitimo-nos destacar o mestre Sadai Ishihara, hoje no nono grau, que, pela sua constância, longevidade, graduação e todo o trabalho desenvolvido desde os seus primeiros passos no Kodokan de Tóquio há setenta e dois anos, até os dias de hoje, tornou-se uma lenda viva do nosso judô, tornou-se história das mais

significativas e que merece destaque, ser divulgada, perpetuada e cultivada para exemplo das gerações que virão”.(VIRGÍLIO, 2002, p. 224).

Esta história iniciou-se no ano de 1937, na pequenina e acolhedora cidade de Assaí, através de alguns idealizadores, como podemos ver no trecho abaixo transcrito:

“Em 1937, na cidade de Assaí, alguns idealistas como Matsumaro Sakurada, Tatsuo Ueno, Itssuke Nishimura, Sussumu Nomura e Tsukas Itami, alcançando vô mais alto fundaram uma filial do “Brasil Ju-Kendô Reimei”, entidade criada em Mogi das Cruzes no Estado de São Paulo em 1933, e cuja finalidade era essa mesma implantação, divulgação, consolidação e coordenação do Judô e do Kendô no Brasil, e conseqüentemente no Paraná. Em 1º de novembro de 1937, é inaugurada com grandes festividades uma suntuosa sede realizando o Torneio Inaugural do Judô e Kendô, essa academia contava com: os professores de Judô Kikuti, Shiro Suzuki e mais 24 alunos, a grande maioria jovens.” (VIRGÍLIO, 2002, p. 223)

Foi um início difícil aos seus idealizadores. Diversos infortúnios impediam a continuidade de trabalhos em prol desta arte em nosso estado. “Esse trabalho pioneiro eivado de nobres propósitos, lamentavelmente, foi interrompido pela II. Guerra Mundial (1938-1945)”.(VIRGÍLIO, 2002, p. 223)” A primeira academia de Judô do Estado teve suas instalações confiscadas pela prefeitura local.” (COUTO, 1999, p. 07) Felizmente, à vontade desses pioneiros foi maior que as dificuldades encontradas. Vejamos a citação a seguir:

“Mas toda essa desventura não apagou a chama que acalenta os corações, não apagou o espírito indômito dos idealistas, e assim, em 06 de junho de 1952, passada a tormenta, renasce e volta a se firmar o judô em Assaí, depois em Londrina, Curitiba, Rolândia, Cornélio Procópio, Carlópolis e Apucarana, espalhando por todo o estado do Paraná, graças à dedicação e ao trabalho de um grande número de professores.” (VIRGÍLIO, 2002, p. 224)

Foi em Assaí, nas terras onde residia com a família (zona rural) que Sadai Ishihara, imigrante japonês, trabalhador da lavoura Nascido “em Aizu, na província de Fukushima, no Japão, no dia 03 de julho de 1911” (COUTO, 1999, p. 06), se inicia a realização de seu sonho de didática e preservação judoísticas. “Seu judô ainda era dos melhores”.(COUTO, 1999, p. 07) vejamos a seguinte citação, que revela o importante conhecimento marcial deste personagem:

“Vale ainda ressaltar um fato que poucas pessoas conhecem em todo o Brasil nos documentos do Sensei Sadai está estampada à palavra” Senshi significa “Combatente”, título este, só outorgado aos competidores que participavam dos Torneios do Imperador, glória essa restrita somente aos melhores.” (COUTO, 1999, p. 07)

Educandos de todas as regiões buscavam seus ensinamentos, independente dos esforços. É o que podemos identificar na seguinte citação:

“Era de outras cidades distantes que chegavam judokas para aprender com ele, e como as estradas eram de terra, quando chovia era muita lama e quando não era muita poeira, e assim chegavam sujos e cansados, mas sempre voltavam para casa felizes porque estiveram em Assaí, o berço, e a Meca do Judô”.(VIRGÍLIO, 2002, p. 227)

Neste período histórico Sadai Ishihara, decide definitivamente investir em sua grande paixão, a arte e didática judoística. Vejamos a citação a seguir:

“... com o seu sítio prosperando, passe a treinar os rapazes da vizinhança, muda-se para a cidade de Assaí em 1952, e começa a lecionar na academia do Educandário Fuji, no ano de 1954. Com o constante aumento no número de alunos, constrói sua própria Academia com 200 m² de área de combate, tendo no ano de 1957 um número de 170 alunos, conquistando ainda ao longo desses anos, todos os títulos que disputou”.(COUTO, 1999, p. 07)

Vale a pena neste momento cedermos especial atenção no relato de comentários de Dona Kiê, companheira de Sensei Sadai. É a valorização de um

esforço por alguém que suportou todas suas ordálias. Vejamos sua transcrição abaixo:

“Segundo Dona Kiê, esposa deste guerreiro, houve ao longo de todos esses anos momentos de muito sacrifício, nem tudo foi bom para eles, pois quando chegaram ao Brasil na década de 30, não havia estradas, era tudo muito distante sem contar com a distância natal, dos amigos e dos parentes que apertava o coração, as lembranças só faziam ferir mais ainda o coração, mas tudo isso foi ferido com a resignação, com persistência na certeza de que dias melhores estavam por vir e na união muito forte entre ela e o marido. Os sonhos de juventude acabaram com uma vida e luta, mas sempre felizes por estarem juntos. Ela sentia-se feliz em compartilhar e ver o seu marido cumprir com a missão de educar os jovens, através desse magnífico esporte, e ainda vê-lo voltar para casa sem qualquer lesão, em participar da sua vida como uma verdadeira dona de casa, cozinhando, lavando e costurando kimonos feitos de saco de café. Ela completa dizendo que mesmo quando ele foi para o Japão e ela ficou no Brasil cuidando dos filhos era feliz, e ainda é feliz ao lado do grande.” (COUTO, 1999, p. 07)

3. CONCEITOS JUDOÍSTICOS

O Judô, desde suas origens, exhibe alguns conceitos básicos extremamente admirados e perpetuados pelos grandes mestres e seus subsequentes que, de tão enraizados, em sua ausência à arte judoística torna-se descaracterizada. São eles os conceitos de integridade física, de integridade moral, de integridade intelectual e a de integridade espiritual.

3.1 Formação Física

Dependendo da maneira que o educando visualiza, idealiza ou pratica ginástica, atividade que deveria ser encarada de maneira lúdica, estes exercícios podem assumir vários aspectos, pois através dela também pode ser deslumbrada por uma esplendorosa harmonia e perfeição física e mental. “É uma atividade da qual se participa ao invés de se ficar como espectador, e ainda é possível, caso se queira, aperfeiçoar todas as outras atividade da vida, aplicando o que se aprendeu no Judô” (TEGNER, 1969, p. 19)

No Judô, “os professores devem procurar um tipo de ginastica que venha a suprir as necessidades de cada faixa etária. (...) A forma de educar o físico é assunto relevante, mas esta educação deve ser encarada como fundamental ao desempenho da arte”.(RIBAS, 1991, p. 15) Alerta-se à um grande perigo na conduta didática do Judô no trecho que segue abaixo:

“Quanto à integridade física, podemos dizer que um professor sem as qualidades e conhecimentos necessários, muito pouco terá à ensinar ou ensinará errado, principalmente às técnicas de aplicação de golpes (nague-waza), técnicas de solo (katame-waza), ukemi (quedas), levando o aluno além de pouco conhecimento uma margem muito grande de possibilidades de acidentes e, também, conseqüências não desprezíveis como uma carga excessiva de atividades físicas que irá desgastá-lo e desencorajá-lo.”(VIRGÍLIO, 1986, p. 63)

Este é um importante alerta de reais possibilidades quando a inserção judoística ocorre através de um mau direcionamento didático. “O tipo de educação a que o Mestre se refere é aquela que proporciona a saúde, harmonia, perfeição física e mental. O sistema de treinamento que permite a obtenção desses valores, a prática do verdadeiro judô, impossibilita a geração de condições para que alguém venha se tornar narcisista”, (RIBAS, 1991, p. 16) evitando a possibilidade de o educando distorcer suas atitudes ou desviar-se de seu “caminho” de sabedoria e da evolução psíquica.

3.2 Formação Moral

Primeiramente devemos distinguir o moral da moral. Podemos identificar importantes diferenças entre os significados deste termo quando em sua forma masculina e feminina. “Sabe-se que o moral elevado proporciona saúde física e mental. A saúde depende do moral; o moral depende da moral. (...) Uma elevada moral eleva o moral. Uma vida imoral ou amoral baixa o moral”.(RIBAS, 1991, p. 16) “O Dr. Jigoro Kano julgava que a prática formal dos movimentos do judô conduzia à uma conseqüente elevação moral. (TEGNER, 1969, p. 18) No trecho abaixo, percebemos a certeza do autor ao comentar sobre o dever moral do judoka, perante si mesmo e os que o cercam:

“Sobre a integridade moral podemos dizer que o judoka pertence a uma classe de esportista de elite, pela sua retidão, pelo seu comportamento, pela sua maneira de ser que exaltam e dignificam o esporte, que o distingue dos outros... Um elemento sem moral deve ser prontamente excluído por melhor que seja tecnicamente. Um professor sem pulso para colocar seus alunos no caminho certo, estará contribuindo certamente para a deformação moral dos mesmos”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 63)

De acordo com a filosofia budista, referência filosófica do Judô, para se ter saúde é preciso cultivar a vida moral, somada com alimentação correta, com exercícios respiratórios, e com pensamentos positivos. “A todo o instante deve-se fazer limpeza mental com base na mais perfeita moral”.(RIBAS, 1991, p. 17) É

através desta harmoniosa busca de paz e equilíbrio que o indivíduo conseguirá se tornar uno com as energias naturais.

3.3 Formação Intelectual

O intelecto é útil e, até mesmo, essencial a sociedade. “A vida de Jigoro Kano sempre foi marcada pela intelectualidade. Aprofundou-se nas letras da cultura universal, explorou a literatura, a filosofia e a arte”.(RIBAS, 1991, p. 17) vejamos a citação abaixo, que reflete como o professor Jigoro Kano encarava o tema:

“Como educador não conheceu fronteira e dedicou-se desde a juventude a transmitir seus conhecimentos às crianças jovens e adultos. Acreditava que o ser humano, independente das obrigações do dia a dia, deveria se dispor, pelo menos, à prática da leitura, procurando através dela edificar o próprio ser. Passando a estudar o que está à nossa disposição podemos nos tornar, também, excelentes educadores.” (RIBAS, 1991, p. 17)

Aprimorar e dar crédito às crianças e adolescentes proporcionar-lhes as condições básicas de uma educação, constitui a melhor forma para garantir uma boa harmonia social em um futuro próximo. Stanlei Virgílio, afirma, no trecho transcrito abaixo, o papel de educador que deve assumir o professor de Judô, devendo este assumir esta postura em seu conceito mais amplo, o de um verdadeiro mestre:

“É também da alçada do professor de judô, estimular, corrigir, aconselhar e ajudar os seus alunos para que os mesmos progridam e tornem-se homens de bem, úteis à família, à sociedade e à pátria... O coeficiente de inteligência (Q.I.), principalmente das crianças e dos jovens pode e deve crescer com os estímulos de uma vida sadia, com a competição salutar no esporte”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 64)

“É preciso redescobrir o que realmente significa cultura, qual a sua finalidade, para criarmos um método de ensino que realmente desenvolva o intelecto da criança. Não se podem medir esforços para que as crianças tenham à disposição a melhor leitura”.(RIBAS, 1991, p. 18)

3.4 Formação Espiritual

Importante aspecto formativo judoísta, o espírito, ou mente, apresenta-se intimamente relacionado com a prática da modalidade, como estrutura de sustentação de seus valores. Vejamos a citação a seguir:

“O Mestre Fundador do Judô era um homem altamente espiritualizado, mesmo antes de conhecer o templo budista de Eishôji. Desde a infância viveu em completa integridade moral. (...) Naquele tempo desenvolveu ainda mais a iluminação de seu espírito, donde fez brotar a Kodokan”.(RIBAS, 1991, p. 19)

Ao interpretar o termo “espírito” aqui empregado, o leitor deve libertar-se antecipadamente de conceitos religiosos preestabelecidos. Dentro de estudos filosóficos, sejam eles integrantes de determinada religião, ciência ou arte, encontraremos diversas definições de espírito, mas aqui, uma vez que se propõe um estudo histórico do judô, este termo será encarado simplesmente como consciência. Stanley Virgílio explica sobre o emprego deste termo, afirmando que “especialmente quanto ao Judô, um outro sentido pode ser dado à palavra espírito, um sentido mais prático, um sentido de qualidade pessoal e de uma certa forma mais concreto”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 64) Vejamos a seguinte citação:

“Quando as aparências caem começa a sentir a” vida vivida “; a vida em harmonia espiritual. Os atos operados através do espírito fazem resultar o moral elevado e a sanidade mental. O intelecto e a educação física são reflexos de espíritos elevados”.(RIBAS, 1991, p. 19)

4. CONSTRUÇÃO DIDÁTICA DO JUDÔ

“Jigoro Kano tinha uma preocupação muito grande com as diferenças de qualidade de vida dos seres humanos” (DELIBERADOR, 1996, p. 48) A didática foi uma das maiores preocupações de Kano. Em resumo, o Mestre percebeu a necessidade de se construir uma prática marcial que atingisse alguns objetivos como, formação de caráter, disciplina, respeito, fraternidade, sociabilidade, ou seja, ambicionou uma prática física e educadora ao povo japonês, diferenciando assim, das práticas marciais antigas e vigentes, que não mais atendiam as necessidades da população. Vejamos como se dava à prática marcial de tais artes no trecho abaixo transcrito:

“Embora tais práticas não fossem ilegais, permaneceu entre os estudantes da arte, certo culto e atitudes fanáticas remanescentes dos hábitos feudais. O Dr. Kano descobriu que grupos de praticantes só conheciam e praticavam uma forma de luta desarmada, não tendo conhecimento de outros sistemas de lutas e nem ao menos o apreciando. Esses grupos defendiam seu estilo próprio de luta, mais por ignorar outras técnicas, do que pela convicção da eficácia de seu sistema. Não lhe ocorria eliminar as técnicas ultrapassadas e nenhum interesse tinham em aperfeiçoar seus métodos de ensino. Longe de procurar tornar popular o estudo de tais lutas, os professores consideravam-se um grupo de elite, cultuando a luta como algo misterioso e tornando seu aprendizado difícil. O Dr. Kano descobriu também que entre estes grupos cultistas do mistério não havia teoria ou mesmo compreensão do trabalho. Tudo era manha ou segredo, que passava de professor para aluno.” (TEGNER, 1969, p. 16)

“Jigoro Kano, ao criar o Judô, não pensou apenas em mais uma luta marcial ou um esporte”.(DELIBERADOR, 1996, p. 49) O princípio da idealização didática do Judô foi justamente a necessidade japonesa defendida por Jigoro Kano em possuir um estilo marcial defendesse como prioridade a formação mental e física do educando, inserida em um forte contexto didático e científico, que o fundamentasse. Vejamos a citação transcrita abaixo:

“O moderno jujutsu tem por objetivo contribuir para o aprimoramento psicossomático dos praticantes, fortalecer e cultivar o espírito e a moral e, posteriormente, num segundo plano, ser útil para a defesa pessoal. Anteriormente, o jujutsu tinha como única finalidade o ataque e a defesa. Para Jigoro Kano isto era totalmente errado. No seu entender uma atividade física deveria servir no primeiro lugar para a educação global dos seus praticantes e, somente em último caso, para a defesa pessoal”.(CALLEJA, 1973, p. 20)

“O Judô procurava promover o desenvolvimento humano, ensinava dominar o oponente através da capacidade intelectual e psicológica.” (DELIBERADOR, 1996, p. 25)

4.1 Conduta Judoística

O Judô é uma prática de grande cunho pedagógico e social. “Quando o Judô foi criado não havia educação física na escola. Foi Jigoro Kano quem introduziu o Judô na escola e, a partir daí, passou a ser considerado o pai da educação física japonesa. Ele se preocupava e acreditava que a atividade física era algo que poderia unir homens e mulheres”.(DELIBERADOR, 1996, p. 51)

Algumas normas e condutas seguem como tradições nesta prática. “Tão logo seja admitido o novo aluno, deve o mesmo ser instruído sobre os deveres e obrigações tais como: cumprimentar e respeitar corretamente companheiros e mestres, manter compostura dentro e fora do tatame, estar sempre atento às instruções que lhe serão dadas”.(VIRGÍLIO, 1986, p. 71) vejamos a citação abaixo:

“Quando a criança chega à academia começa o trabalho do Professor no sentido de tornar realidade à filosofia do Judô e de ajudar o aluno a construir e assumir seus objetivos, que podem ser sintetizados na satisfação de participar das atividades, na satisfação do autocontrole, do autoconhecimento, no domínio da capacidade de desenvolvimento de sua totalidade corporal, na capacidade de aprender a interagir com a comunidade”.(DELIBERADOR, 1996, p. 28)

O educador deve estar preparado para transparecer todo este novo universo ao educando que está iniciando sua jornada nesta arte. Cada novo integrante do universo judoístico é um também um novo complexo de experiências que acabam por se tornar um motivante desafio ao professor. É dever de quem assume esta função, proporcionar através da prática a superação das limitações encontradas pelo aluno, preparando-o assim à prática judoística e à vida propriamente dita. É importante lembrar que “Jigoro Kano criou o Judô para que o ser humano tivesse condições de igualdade para se desenvolver, de se descobrir e assim não calcar nada em seu inconsciente” (DELIBERADOR, 1996, p. 49).

4.2 Desporto Judoísta

Uma dos principais meios do qual o educador judoísta dispõe para a auto-avaliação de seu educando é a forma competitiva, é a inserção do mesmo em campeonatos de judô para que este possa enfrentar a si e ao movimento adversário, podendo desta forma avaliar seu Judô, no sentido amplo da palavra. Infelizmente, estes sentidos muitas vezes perdem-se dentre uma disputa. A “vitória sobre a nossa própria ignorância” (VIRGÍLIO, 1986, p. 84) perde o sentido quando o combate passa a necessitar da sobreposição de homens ou mulheres. Como na tentativa de se sobrepor, em uma egocêntrica busca onde chega a aparentar a necessidade de admiradores. Vejamos a seguinte citação:

“O resultado para o judoka não é o mais importante, vencer ele vai vencer sempre, porque ao treinar aprende a respeitar os seus limites e, quando possível aprende a romper estes limites; aprende até aonde pode ir, aprende com a própria vida. E todo o aprendizado é aplicado na vida em comunidade”.(DELIBERADOR, 1996, p. 51).

A tradição judoística também é traço marcante em uma disputa desta arte. Complimentos humildes e respeitosos são compartilhados, ainda que não sentidos, como forma de honrar a luta. Vejamos a seguinte citação:

“Não se constata manifestações agressivas no desenrolar de uma competição. (...) Ao término de uma luta, independente do resultado, o judoka respeita o adversário e assume condições de retornar as suas atividades na comunidade, num clima solidário, (...) aprende a se conter e a controlar o seu nível de agressividade”.(DELIBERADOR, 1996, p. 50)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estabelecermos uma abordagem histórica da modalidade judoística, estabelecemos os parâmetros sob o qual foi sistematizada, podendo desta forma, analisar mais claramente a intencionalidade inicial desta arte, assim como as trajetórias que assumiu a partir desta.

O conceito mais difundido entre os praticantes desta prática marcial concentra-se em ser o judô, uma arte marcial de cunho essencialmente filosófico, que com o passar dos tempos vêm gradativamente agregando elementos desportivos, perdendo assim, sua identidade. “Jigoro Kano criou o Judô orientado por princípios filosóficos que no transcorrer do tempo, deram sustentação a todo o processo de desenvolvimento e difusão que ocorreram pelos cinco continentes” (DELIBERADOR, 1996, p. 65), mas isto não afirma ser sua essência. Através deste estudo podemos perceber que a principal intencionalidade de Jigoro Kano ao sistematizar a arte judoística foi proporcionar à população, uma prática que abrangesse aspectos sociais, científicos e educadores, ou seja a unificação da arte, da religião e do esporte. “O Judô é o treinamento de uma modalidade corporal, inclusive social. E é nessa totalidade que o judô caracteriza seus fins e objetivos” (DELIBERADOR, 1996, p. 50).

Portanto, não é correto nos referimos à prática judoística como apenas um caminho de desenvolvimento do espírito, tendo este no seu amplo sentido de mente. Seus fundamentos filosóficos são herança de uma cultura japonesa, reflexos da sociedade em que surgiu. Sua idealização principal era realmente a prática de uma atividade física sadia, uma arte de caráter educador que se propicia aos educandos um sistema marcial que unisse prazer, segurança, respeito e conhecimento.

Infelizmente, em nosso país não é realizado grande número de estudos históricos e didáticos da arte judoística. “Podemos concluir que mais estudos são necessários para determinar a História do Judô no país, considerando que não existem muitos dados disponíveis na literatura que possam definir o assunto.” (DRIGO, 2004)

REFERÊNCIAS

CALLEJA, =C. (1973). **A origem do judô**, Revista Brasileira de Educação Física, vol. 15, Editora Gráfica Alvorada LTDA.

COUTO, J. (1999). **Sadai Ishirara**, Revista “Judô & Ação” .6º Edição , Ano 02. Editora Brasil Kirc.

DELIBERADOR, Â. (1996). **Judô, metodologia da participação**, Editora Lido

DRIGO, Alexandre Janotta (2004). **Reflexões sobre a história do judô no Brasil: a contribuição dos senseis Uadi Mubarak (8º Dan) e Luis Tambucci (9º Dan)**,

<http://www.judobrasil.com.br/2004/estudos.htm>

MANOEL, M. U. (1996). **Consequências do treinamento competitivo de judô sobre o organismo do adolescente** , Monografia de Graduação, Setor de Ciências Biológicas, Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná

RIBAS, E.. **Onde está o meu judô? máximas de Jigoro Kano**, Curitiba/PR, Artes Gráficas e Editora Unificado.

SOUZA, A. (1999). **Declínio do jiu-jitsu, reação do modernismo**, Revista “Judô & Ação” .6º Edição , Ano 02. Editora Brasil Kirc.

TAKESHITA, K. (1967). **Judô, Antigo Jiu – jitsu**, Editora O Livreiro

TEGNER, B. (1969). **Guia Completo de Judô, do principiante ao faixa-preta**. Distribuidora Record

VIRGÍLIO, S. (1986). **A arte do judô**, Editora Papyrus.

VIRGÍLIO, S. (2002). **Personagens e histórias do judô brasileiro**, Campinas/SP, Editora Átomo